

Polícia indicia três do caso Asefe

**DOIS EX-DIRETORES
E UM FUNCIONÁRIO
SÃO ACUSADOS POR
PARTE DO ROMBO
OCORRIDO NA
ENTIDADE**

Aureo Germano

APolícia Civil indiciou ontem três dos acusados de envolvimento nos desvios de dinheiro da Associação de Assistência aos Servidores da Fundação Educacional do DF (Asefe). O ex-diretor administrativo Klécius Oliveira, a ex-chefe de Recursos Humanos Isabel Portuguez e o auxiliar administrativo Luiz Vieira Sobrinho e Gomes terão de responder por crimes de tentativa de estelionato e apropriação indébita supostamente praticados contra o caixa da entidade.

Os interrogatórios serão realizados hoje, a partir das 9h30, na 1ª Delegacia de Polícia, na Asa Sul, responsável pelas investigações do caso. O indiciamento dos ex-membros da entidade foi fixado com base nos depoimentos colhidos ao longo das apurações e nas provas reunidas no processo.

Uma delas é um cheque que foi deixado pelo ex-funcionário Marcus Antonio da Costa, quando de sua demissão, para pagamento de empréstimo devido à entidade. Em vez de ter retornado ao caixa da Asefe, o valor de R\$ 506,87 foi depositado na conta de Luiz Vieira, então funcionário do setor de Faturamento da instituição, no banco HSBC Bamerindus.

Como o documento estava nominal à associação, foi rasurado e, em seguida, carimbado com o nome da empresa Auto Vieira & Gomes, conforme microfilme conse-

guido pela polícia. O suposto estabelecimento nunca existiu, segundo o delegado Jeferson Lisbôa, responsável pelo inquérito.

O próprio Luiz Vieira afirmou que jamais foi dono de uma firma com essa denominação. No entanto, o valor foi parar em sua conta, conforme ele mesmo reconheceu em suas declarações aos policiais.

Muitos funcionários demitidos da entidade ou desligados dela por outros motivos naquela administração passaram pelo então diretor administrativo e souberam por ele que teriam de devolver o valor correspondente à multa de 40% do FGTS.

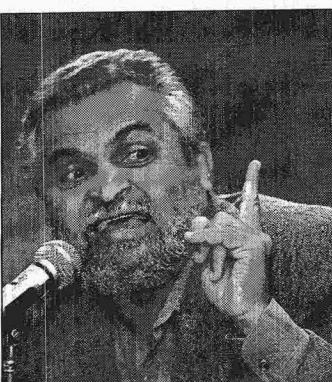
Marcus Antonio, em seu depoimento, afirmou que estava descontente com o trabalho e que teria procurado Klécius para pedir demissão. Na conversa com o diretor, soube que a Asefe poderia demiti-lo. No entanto, teria de devolver o valor correspondente à multa.

Ele afirmou ter entregado pelo menos 12 cheques à chefe de Recursos Humanos por orientação de Klécius. Vários deles eram destinados à quitação de um empréstimo contraído junto à entidade.

Sônia Terezinha de Souza, demitida da Asefe naquele período, também contou uma história semelhante. Desconfiada da transação, ela sustou o cheque impedindo que o valor fosse resgatado pelos diretores.

Outro ex-empregado da Asefe, M. R. H., que trabalhou como caixa da diretoria financeira na época dessas demissões, garantiu que todos os cheques recebidos de forma legal pela entidade passavam pelo caixa. Além disso, afirmou nunca ter recebido cheques referentes a reembolso de funcionários demitidos.

FOTOS: CEDOC



KLÉCIUS e Isabel respondem a inquérito na 1ª DP

Acusados alegam inocência

Em seus depoimentos à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga o caixa 2 da Asefe, instaurada na Câmara Legislativa, Klécius Oliveira e Isabel Portuguez negaram qualquer envolvimento nos desvios na entidade.

A ex-chefe de Recursos Humanos afirmou que entregava todos os cheques recolhidos de funcionários a Klécius. Ele, por sua vez, disse que os repassava para Firmino Neto, então diretor financeiro.

Somente após os interrogatórios de hoje, feitos com base em todas as provas reunidas no inquérito, a polícia terá condições de elucidar esse caixa 2, segundo os agentes envolvidos no caso.

De acordo com o delegado Jeferson Lisbôa, os ex-membros da diretoria da entidade Klécius e Isabel Portuguez podem pegar até nove anos de reclusão caso se-

jam condenados. Luiz Vieira, caso seja considerado culpado pela Justiça, pode ficar preso por até quatro anos.

A tentativa de estelionato foi configurada, de acordo com o delegado, quando dois dos indiciados fizeram a então funcionária Sônia Terezinha entregar um cheque referente à multa rescisória de sua demissão. Como ela resolveu sustar o documento, a tentativa de crime não se consumou por motivos alheios à vontade de Klécius e Isabel Portuguez.

No caso do cheque deixado por Marcus Antonio, que foi rasurado e depositado na conta de Luiz Vieira, o crime de apropriação indébita foi completado.

Até o fechamento desta edição Isabel Portuguez não havia sido encontrada pelos policiais para receber a intimação. O portero de seu prédio na Asa Norte informou que ela está viajando.

Veja quem são os principais personagens no escândalo da fita de vídeo gravada pelo sindicalista Marcos Pato. Na fita, produzida em março, o ex-diretor financeiro da Asefe Firmino Pereira do Nascimento Neto revela um esquema de desvio de recursos da entidade para campanhas de políticos do PT e de outros partidos de esquerda.

A ENTIDADE

A Associação Assistencial dos Servidores da Fundação Educacional do DF (Asefe) recebe, por mês, cerca de R\$ 5 milhões em contribuições compulsórias dos professores e servidores da Fundação, o que faz dela uma das entidades mais cobiçadas do sindicalismo de Brasília.

Apesar de receber tantos recursos, a Asefe tem hoje uma dívida de cerca de R\$ 20 milhões e não está mais conseguindo dar assistência aos associados. A causa de

tudo isso, segundo as denúncias que estão vindo à tona agora, foi a disputa interna de poder entre várias facções de partidos de esquerda, que usavam a entidade para financiar os seus interesses políticos.

Dentro da diretoria da Asefe, há inimigos declarados, como o presidente, José Eudes (filiado ao PT), e o diretor financeiro, Jorge Eduardo Rodrigues, que pertence a outra corrente petista.

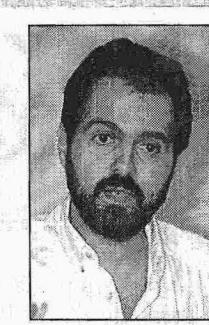
OS POLÍTICOS ACUSADOS

Cristovam Buarque – Ex-governador (1995-1998) e atual candidato do PT ao Senado, teria recebido R\$ 200 mil da Asefe para bancar a sua campanha em 1998 (quando perdeu o segundo turno da eleição para o Buriti). Cristovam teria sido beneficiado pelo superfaturamento de um show promovido pela Asefe – que deveria custar R\$ 80 mil, mas acabou saindo por R\$ 120 mil, segundo denúncia de Firmino Pereira do Nascimento, ex-diretor financeiro da entidade. O

"esquema de gráficas" da Associação, de acordo com Firmino, teria bancado o resto dos recursos para a campanha do petista. Em troca desse apoio, ele teria prometido dar mais espaço em seu segundo governo ao presidente regional do PCB, Trajano Jardim. Cristovam nega tudo e diz que deixará a política se qualquer coisa for provada contra ele.



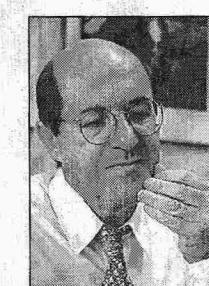
Agnelo Queiroz – Deputado federal e presidente do PC do B em Brasília, ele é acusado de ter recebido R\$ 70 mil da Asefe para a sua campanha em 1998. Além disso, o PC do B teria montado uma "esquema de imprensa" na Asefe. Segundo Firmino, o partido tinha uma empresa que vendia espaços publicitários no jornal da Asefe, e ficava com metade de todo o dinheiro arrecadado. Esses recursos, segundo Firmino, iam para o caixa dois de campanha do PC do B. Agnelo nega tudo, alegando que as denúncias já foram desmentidas pelo próprio Firmino.



Lúcia Carvalho – Deputada distrital do PT, Lúcia foi dirigente do Sindicato dos Professores (Sinpro). Integra um grupo adversário de Marcos Pato. Segundo Firmino, ela teria recebido R\$ 25 mil da Asefe para a sua campanha em 1998, e, além disso, montado um esquema de contratações de "funcionários-fantomas" na Associação. Lúcia, de acordo com Firmino, tinha poderes para contratar quem ela quisesse, e as pessoas indicadas por ela trabalhavam sem receber salários. Um dos beneficiados teria sido um ex-presidiário do Guará. Lúcia diz que tudo isso é mentira.



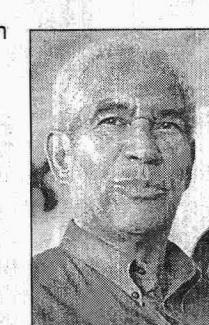
Wasny de Roure – O deputado distrital do PT, segundo Firmino, também seria responsável por contratações de funcionários-fantomas, além de ter recebido recursos da Asefe (em tíquetes e em material gráfico) para a sua campanha. Wasny nega tudo. A irmã dele, Sueli de Roure, é funcionária da Asefe. Wasny explica que solicitou os serviços gráficos para divulgação de um programa social desenvolvido por uma escola.



Chico Vigilante – O ex-deputado federal Chico Vigilante, hoje secretário de Imprensa do PT e candidato a distrital, também teria recebido recursos da Asefe para a sua campanha em 1998, segundo Firmino. Por causa da divulgação dessas denúncias, Chico pediu a expulsão de Jorge Eduardo Rodrigues, atual diretor financeiro da Asefe, e Marcos Pato, dos quadros do PT.



Trajano Jardim – Presidente do PCB em Brasília, ele foi assessor do ex-presidente da Asefe Sérgio Rubens Ribeiro, também filiado ao PCB. Segundo as denúncias, Trajano teria recebido R\$ 75 mil da Asefe para a sua campanha em 1998. Depois de perder a eleição para distrital, Trajano (com a ajuda de Sérgio) teria usado o "esquema de gráficas" da Asefe para fazer propaganda de Cristovam Buarque no segundo turno, em troca de mais espaço no governo se ele fosse reeleito. Trajano também nega tudo.

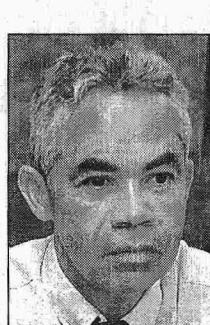


OS SINDICALISTAS ACUSADOS

Firmino Pereira do Nascimento Neto – O ex-diretor financeiro da Asefe, segundo ele próprio admitiu na conversa gravada com Marcos Pato, teria tirado R\$ 75 mil da Asefe para bancar a sua campanha a distrital em 1998, quando recebeu cerca de cinco mil votos e acabou ficando como primeiro suplente da bancada do PPS. Foi Firmino quem revelou, a Marcos Pato, todo o esquema de desvio de dinheiro dos cofres da Associação. Depois do escândalo, Firmino só apareceu publicamente uma vez, quando deu uma entrevista-relâmpago para dizer que tinha sido induzido, por Marcos Pato, a fazer as denúncias (que ele agora nega). Firmino pretendia ser novamente candidato a distrital este ano. Dentro do PPS, ele é adversário de Reginaldo Bacci, candidato a distrital e um dos autores das denúncias.



José Eudes – Atual presidente da Asefe, é filiado ao PT e ligado ao presidente regional do partido, Wilmar Lacerda. Foi administrador de Ceilândia no governo petista. Segundo afirma o secretário-geral da Asefe, Omar dos Santos, Eudes teria usado recursos da entidade para financiar a campanha de Wilmar à presidência do PT. E teria recebido, também, R\$ 75 mil para a sua própria campanha a distrital. Eudes nega tudo, e diz que a culpa das dificuldades da Asefe é do grupo de Jorge Eduardo Rodrigues, atual diretor financeiro.

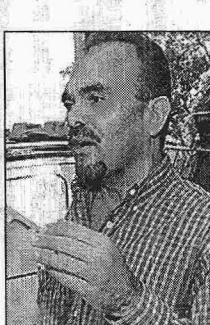


OS ACUSADORES

Marcos Pato – O polêmico ex-dirigente do Sindicato dos Professores (Sinpro), comandou uma greve de 60 dias de sua categoria em 1998, durante o governo de Cristovam Buarque. Por causa disso, ganhou vários inimigos dentro do PT, que o acusaram de tentar sabotar a administração de Cristovam. Em busca dos culpados pelo escândalo da Asefe, Marcos chamou Firmino Pereira para uma conversa em sua casa sobre o caso, e deixou uma câmera escondida gravando tudo. Na conversa, de uma hora e quarenta e oito minutos, ele convenceu Firmino a contar os detalhes das irregularidades na Associação, sob o argumento de que Firmino não poderia, sozinho, levar a culpa de tudo o que estava acontecendo.



Jorge Eduardo Rodrigues Miranda – Atual diretor financeiro da Asefe e ex-filiado ao PT (foi expulso por causa das denúncias). Jorge vinha fazendo, desde o início do ano, uma série de denúncias de irregularidades na Asefe, que incluem a falsificação de guias de pagamento da Previdência Social dos 230 funcionários da Associação. Foi Jorge quem teve a ideia de gravar a conversa com Firmino. A sua expulsão do PT foi uma exigência do grupo mais ligado a Cristovam Buarque.



Omar dos Santos – Secretário-geral da Asefe e braço direito de Jorge Eduardo, a quem tem dado total apoio nas denúncias. É filiado ao PCB.



Reginaldo Bacci – É o secretário de Organização do PPS, é advogado de Jorge Eduardo. Ao lado do cliente, vem denunciando as irregularidades na Asefe à Polícia Federal. Candidato a deputado distrital, Reginaldo é inimigo, dentro do PPS, do grupo de Firmino.